

Maioria da Constituinte está alheia à Carta

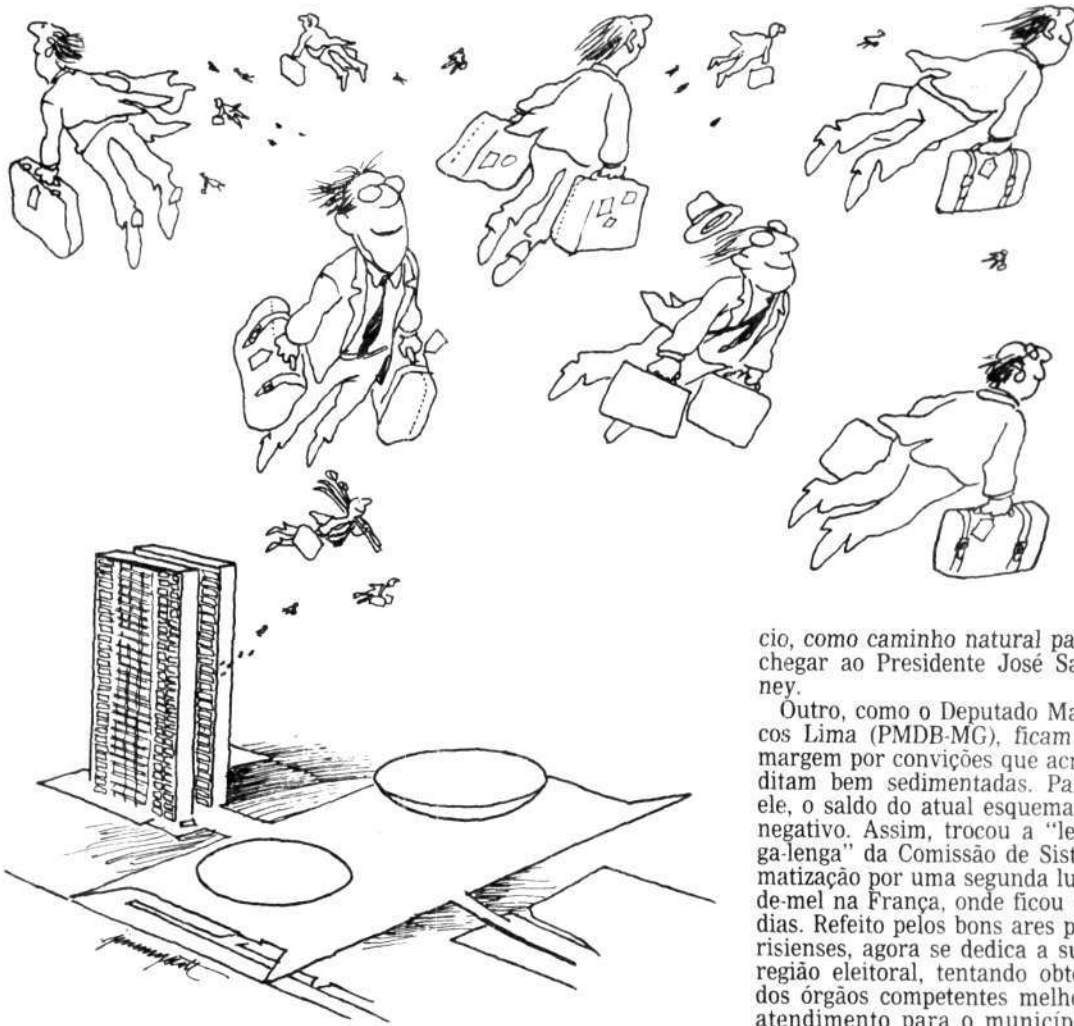
BRASÍLIA — Quem procurou esta semana o Presidente do PFL, Senador Marco Maciel (PE), que deixou o Gabinete Civil com a intenção de ser um dos pilares das negociações do Governo dentro da Constituinte, recebeu o endereço da Fundação Friedrich Naumann, na Alemanha Ocidental. Apesar do período de elaboração do novo substitutivo do Relator da Comissão de Sistematização da Constituinte, Deputado Bernardo Cabral (PMDB-AM), ter sido prorrogado até terça-feira, com a alegação do próprio Maciel de que seria necessário mais tempo para negociar, ele passou nove dias assistindo a uma convenção do Partido Liberal alemão.

A ausência de uma figura que, inevitavelmente, tem participado das discussões sobre a nova Constituição, num momento em que, teoricamente, estão se definindo as bases dos entendimentos, serve apenas para realçar uma ampla omissão diante do papel que os 559 constituintes deveriam cumprir e para o qual foram eleitos. Desses total, pelo menos 400 passam completamente à margem do que será a lei maior do País. Não estão nas discussões da Comissão de Sistematização e nem integram os grupos, à direita, ao centro ou à esquerda, que tentam influir num trabalho que se pretende o núcleo da Carta a ser aprovada em plenário.

Boa parte está interessada em manter acesa a chama eleitoral nas bases e, portanto, evita este período em que o clima de Brasília chega aos níveis do deserto de Saara. Outra, com os mesmos propósitos, pode ser encontrada nas costumeiras visitas a Ministérios e bancos oficiais. E uma terceira, com um gosto acentuado pelas amenidades do clima europeu, prefere aproveitar este fim de verão no hemisfério norte.

Apenas no Senado, que abriga 72 Senadores, já se acumulam 56 pedidos de licença para viagens ao Exterior a convite ou simplesmente por "motivos particulares". Os que desejarem, por exemplo, uma opinião do Senador Divaldo Suruagy (PFL-AL), ex-governador de Alagoas e um dos integrantes da antiga Comissão do Sistema Tributário, terão que procurá-lo em Bonn, na Alemanha. Estará ausente até o fim do mês, presidindo uma comissão de 25 Prefeitos, Vereadores e professores que foram a Bonn para um seminário sobre administração pública.

Não muito longe dali, em Gênova, poderia ser encontrado até a semana passada o Senador Ivo Bonato (PFL-SC), suplente do Senador e Ministro da Educação, Jorge Bornhausen. Bonato — que nas discussões preliminares da Constituinte queria



que se limitasse a 40 por cento para os Municípios e 60 por cento para os Estados os gastos com pessoal para acabar com os marajás — é o recordista de pedidos de licença do Senado. Sempre por "motivos particulares" e por tempo indefinido, pediu licença quatro vezes este ano.

Difícil será achar o Deputado e ex-Ministro do Interior Joaquim Francisco (PFL-PE), que, depois de reclamar da corrupção no Ministério e no País, foi descansar suas mágoas na Europa. No seu gabinete avisam que ele não volta tão cedo.

Por ausência física, ou de propostas, o Diário da Constituinte, apesar dos esforços dos responsáveis, não havia conseguido, até a semana passada, registrar uma única linha de 150 constituintes. O Diário foi criado com o intuito exclusivo de ser o porta-voz dos 559 Deputados e Senadores.

Difícil nos próximos dias será os repórteres do jornal saberem o que pensa o Deputado Rubeval Piloto (PDS-SC) sobre parlamentarismo, presidencialismo ou um misto dos dois. Na quarta-feira, seguiu para a Itália, a convite de ceramistas do País.

Na semana que passou, as conversas por telefone no Con-

gresso eram monótonas, mas dava para fazer uma avaliação do quadro. Em 50 gabinetes da Câmara, as respostas não variavam para quem desejava uma palavra dos seus titulares. Invariavelmente eles estavam nas "bases" e também invariavelmente "retornam nos próximos dias". Entre eles, Felipe Cheidde (PMDB-SP), França Teixeira (PMDB-BA), Salim Curiati (PDS-SP), Bosco França (PMDB-SE) e Asdrúbal Bentes (PMDB-BA).

Mas, fora dos grupos que atuam mais decisivamente na Constituinte, outros preferem o conjuntural. Nestes primeiros dias de setembro, numa das salas das comissões da Câmara, 42 Deputados e Senadores reuniram-se por três vezes para formar um grupo de pressão sobre o Governo em defesa do cafeicultor brasileiro. Com o Senador Gerson Camata (PMDB-ES) e a mulher, Deputada Rita Camata (PMDB-ES), à frente, eles querem que o Governo aprove um Fundo Nacional de Defesa da Lavoura do Café. Assim, em lugar de visitas à Fundação Israel Pinheiro, onde se cozinha a nova Constituição com temperos ora mais ora menos progressistas, estavam interessados em audiências no Ministério da Fazenda e da Indústria e Comer-

cio, como caminho natural para chegar ao Presidente José Sarney.

Outro, como o Deputado Marcos Lima (PMDB-MG), ficam à margem por convicções que acreditam bem sedimentadas. Para ele, o saldo do atual esquema é negativo. Assim, trocou a "lenga-lenga" da Comissão de Sistematização por uma segunda lua-de-mel na França, onde ficou 12 dias. Refeito pelos bons ares parisienses, agora se dedica a sua região eleitoral, tentando obter dos órgãos competentes melhor atendimento para o município de Itamarandiba, no Vale do Jequitinhonha, e uma escola profissionalizante para Ubá. São tentos certos na eleições municipais que se avizinham.

Entre as figuras que já frequentaram a Constituinte e a abandonaram, pode-se encontrar também o descrente Senador Afonso Camargo (PMDB-PR). Depois de brilhar no cenário político nacional com a sua capacidade de secretariar ora a Arena, ora o PMDB, e num intervalo ser Ministro dos Transportes, hoje ele se dedica quase exclusivamente a puxar o freio da Ferrovia Norte-Sul. Paralelamente, se preocupa em divulgar a aprovação e sanção, para os próximos dias, do seu projeto tornando o vale-transporte obrigatório e em preparar o caminho em direção a mais um novo partido, o PTB. Reforça esta tendência mudancista a maneira como está sendo encaminhada a Constituinte, "por pessoas, acima dos programas partidários". Ele atribui isto ao "fatiamento" no PMDB e no PFL, acentuado pelos grupos suprapartidários.

Ficou clara a falência dos partidos — diz. — Quem decide agora são os grupos, e não as legendas, apressando o fim das frentes de restauração democrática.

A Deputada Maria de Lurdes

Abadia (PFL-DF), que ostenta o invejado título da mulher mais votada em todo o território nacional, estava inconsolável esses dias diante de duas deputadas suecas, Anna Anderson e Ingrijs Lrhamanr. Tentava lhes explicar porque, depois de brigar por suas idéias na subcomissão e na comissão de ordem social, hoje praticamente ignora como as propostas estão sendo alinhavadas à beira do Lago Paranoá.

— É de fazer a gente chorar à beira do caminho.

O Deputado Florestan Fernandes (PT-SP), embora se mostre mais atuante, pensa da mesma forma. Nas suas contas, menos de 30 por cento dos constituintes respondem hoje pelo encaminhamento e pelo futuro das propostas.

— A Constituição não podia ser negociada. Tinha que ser debatida à luz do dia. Temos uma politicalha da Constituinte, em vez de um processo constitucional forte — acusa.

À margem do processo também podem ser encontrados os recordistas de propostas. Entre eles está o Deputado Acival Gomes (PMDB-SE), que apresentou ao Relator Bernardo Cabral cem emendas. Como elas andam, ele não sabe, mesmo porque, no momento, está ocupado em perambulações pela Esplanada dos Ministérios e pela Caixa Econômica e em fazer visitas costumeiras à Secretaria de Articulação com os Estados e Municípios.

Neste mesmo isolamento estão os que mais atiram pedras contra o núcleo decisório da Constituinte. Para eles, como o Deputado Lélcio Souza (PMDB-RS), este núcleo e os que se formam a sua volta são excluídos. E Lélcio reclama com o cacife das 80 emendas apresentadas na fase final. Ameaça pedir destaque em plenário para cada uma delas.

Apesar de não ser um recordista, o Deputado José Elias Murad (PTB-MG) também se queixa e pretende ser ferino. Enquanto prepara o caminho que, espera, o levará à Prefeitura de Belo Horizonte, protesta à sua maneira. Fora de todos os grupos, gosta de ironizá-los. Chama de "grupo lacustre" o que se reúne no Instituto Israel Pinheiro, de "cinco estrelas" o dos moderados, que gostam de hotéis de luxo, "do quibe", o do Senador José Richa (PMDB-PR), e "da rubiácea", o da esquerda, que transforma o cafezinho da Câmara em sala e plenário de seus encontros. E, pairando sobre todos, o "do poire", do Presidente do PMDB, Ulysses Guimarães. Só não gosta de falar do "grupo da quarentena", o maior e o que apenas assiste ao desenrolar dos acontecimentos.